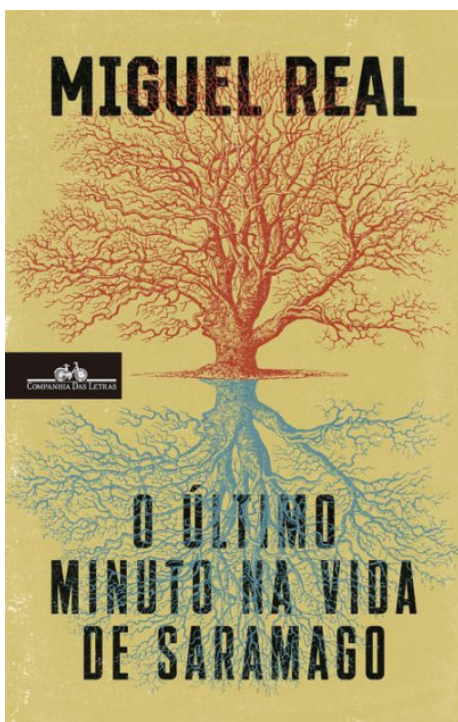


Miguel Real: *O Último Minuto na Vida de Saramago*. Lisboa: Companhia das Letras, 2023. 182 pp.

José Barbosa Machado (UTAD / CEL)

DOI: 10.58155/revistadeletras.v3i1.458



Pegando na frase da peça *In Nomine Dei* que serve de epígrafe à presente obra, «O último instante da vida é o que revela o sentido e a razão de toda a existência», Miguel Real ficciona em sete capítulos os derradeiros momentos de vida de José Saramago. Este, no seu leito de morte na casa de Lanzarote, com Pilar à cabeceira, rememora, numa semiconsciência confusa e obnubilada pela morfina, os principais lanços da sua vida, a trama de alguns dos seus livros e os ideais que defendeu. Os avós, os pais, as ex-mulheres, alguns amigos e algumas das personagens que criou vão passando no quarto, como quem visita um doente.

Esta obra é, de certa forma, um resumo romanceado da monumental biografia de que Miguel Real é coautor com Filomena Oliveira: *As Sete Vidas de José Saramago* (2022). O estilo, em discurso direto livre, procura imitar o caudal da consciência perturbada pela doença e pelos medicamentos, em que se misturam as recordações da infância, da juventude e da idade adulta, com pormenores dos lugares, das pessoas, dos acontecimentos, das opiniões ou conceções do mundo, tudo relacionado ou confundido com as ações e as características das personagens dos seus livros. Assim, Pilar confunde-se com Blimunda do *Memorial do Convento* e com Maria Madalena do *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, formando «as três graças numa só» (p. 134); e até com a Mulher do Médico de *Ensaio sobre a Cegueira* (p. 143). Pilar, refere o doente, «afaga-me o rosto com

a mão de Blimunda-Madalena-Mulher do Médico» (p. 154). Ele próprio é o Baltazar Sete-Sóis, o maneta do *Memorial do Convento*.

A identificação de Pilar com Blimunda, que se encontra ao longo de todo o livro e que é um recurso que, do ponto de vista literário, funciona bem e dá um tom poético ao discurso, contraria os dados biográficos: Saramago ainda não conhecia Pilar del Ríó quando escreveu o *Memorial do Convento* e Blimunda é uma personagem inspirada em Isabel da Nóbrega, a sua segunda companheira. José Saramago, o próprio Miguel Real o diz pela boca do moribundo, tentou reescrever este pormenor da sua vida, substituindo o nome de Isabel na dedicatória de alguns dos seus livros pelo da Pilar (p. 77; p. 152). Mas isso não pode obliterar o papel de Isabel como inspiradora da personagem de Blimunda. Tanto mais que as descrições que Saramago faz das características físicas e psicológicas de Blimunda baseiam-se na Isabel e nada têm a ver com Pilar. Perdoa-se, no entanto, este pormenor ao autor, uma vez que teve por objetivo sublinhar o papel relevante da terceira mulher de Saramago no último percurso da vida do Nobel.

Esta obra de Miguel Real, para quem conhece as posições políticas de Saramago, revela-se uma crítica mordaz às mesmas, pela voz do próprio Saramago, mais concretamente a defesa obsessiva da tríade marxismo/socialismo/comunismo. As suas posições contra o Ocidente, que considera corrupto, consumista, capitalista e inimigo dos pobres e dos trabalhadores, assim como os argumentos que utilizou para o condenar e até odiar, são motivo de chacota (pp. 159-160; p. 163, p. 172-173). A defesa de uma sociedade igualitária, justa, pacífica, socialista enfim, em que todos trabalham para o bem comum, é totalmente irrealista e, por consequência, utópica. *Utopia real*, como lhe chama o moribundo (p. 157).

Saramago, na luta pelos ideais de uma sociedade sem classes, que viverá uma “felicidade utópica”, identifica-se com o Padre António Vieira: «crente no paraíso do Quinto Império como eu no comunismo, ambos tentámos tornar o mundo mais justo mas eis que logo este se entortava, verdadeiramente nunca deixou de ser torto, nós, porém, filhos do ideal, sonhávamo-lo direito, reto, Vieira à luz das parábolas de Cristo, eu à luz dos ensinamentos de Marx» (p. 23). Como ele, insiste, «é forçoso prolongar o sonho de um mundo justo» (p. 23).

Defende a separação de Portugal e Espanha da Europa e de tudo o que ela tem de negativo, propondo a criação de um espaço a que denomina ibérico. A relação dos dois países deveria ser «centrada na harmonia, na igualdade, na solidariedade contra o Ocidente plutocrata, argentário, onde

o dinheiro e o interesse comandavam as ações» (p. 120), propondo «uma civilização refeita de emoções, de sentimentos, de comunhão» (p. 120). No entanto, no meio de morte, reconhece, que «morreu o sonho utópico em Portugal, eu, que nele acredito, sou já o último abencerragem, talvez um avejão, divorciado do meu tempo» (p. 121). Confessa que tentou tudo «para que este povo seguisse o caminho do socialismo, o cristianismo do nosso tempo» (p. 122). Mas os políticos (presume-se que sejam eles os culpados) «estragaram o marxismo, transformaram a sociedade sem classes numa utopia imaginária e ofereceram, em troca, esta sociedade podre, corrupta, sem piedade que não a caridade cristã, carregada de perversão e terror» (p. 162).

Pela sua parte, esquecendo onde chegara e no que se tornara (um homem rico e famoso), declara que nunca se moveu «por interesses, poder, dinheiro, glória, conveniências, calculismos, apenas por desejo de justiça segundo os proveitos dos mais pobres, não que se tornassem menos pobres, menos coitadinhos, mas todos se tornassem iguais, homens iguais a homens, a humanidade toda igual» (p. 125). Sente-se «um cavaleiro medieval em defesa de viúvas e donzelas, um são paulo dos escravos, um são jerónimo contra os réprobos, um burguês alemão contra os privilégios papais, um galileu contra a inquisição, [...] um anjo com a espada flamejante da justiça desembainhada, um são miguel arcanjo, um justiceiro» (p. 128).

Reconhece, numa euforia utópica, que «o que salva o mundo é o empenho de todos, o compromisso com o outro, o bem que a todos é comum, a solidariedade que fortifica, o prazer de ajudar que revigora, a proporção de riqueza que a todos afasta da miséria, é o pão sobre a mesa, a escola para os filhos, a amparo para os velhos, um fim de semana criador, uma televisão fecunda» (p. 173). Lembrando o que escreveu no *Memorial do Convento*, defende que «todos os homens poderão ser reis e todas as mulheres rainhas, senão toda a humanidade santa, dizem-me que é uma utopia, e ainda bem, porque de utopia se alimenta o homem nos seus sonhos» (pp. 125- 126).

Esta utopia socialista, a que ele chama *utopia real*, tem os seus inconvenientes, que Miguel Real, um pouco contranatura, põe no pensamento de Saramago agonizante. De facto, Saramago jamais reconheceu os erros do socialismo publicamente, defendendo regimes autoritários como o da Coreia do Norte, o de Cuba, o da China e até o da extinta URSS. Ao socialismo, considera o moribundo, «foi-lhe dado a oportunidade de marcar a história, falhou rotundamente, criou campos de concentração, assassinou adversários, exilou outros, provocou êxodos maciços de população, burocratizou o operariado, devia ter tido mão de pomba e teve veneno de serpente, esmagou

povos, decapitou elites que, por mais malfadadas e exploradas, não deviam ser liquidadas às centenas e enterradas em valas comuns, explorou e liquidou a singularidade da mulher» (p. 123). Perante tantos males, conclui: «Pilar foi o meu paraíso, o meu socialismo, o meu comunismo, o meu Quinto Império, a minha realizada Ofélia, o meu deus adorado» (p. 124).

Um outro tema relevante nesta obra de Miguel Real é aquilo a que chamaríamos o *complexo do patinho feio*. Saramago maravilha-se com o facto de um rapazinho da Azinhaga, uma pobre aldeia do Ribatejo, filho e neto de gente simples, pelo seu esforço de querer sair da mediocridade e da ignorância a que estaria condenado pela diferença entre classes sociais alimentada pelo regime salazarista, conseguir atingir a glória literária e vencer o Prémio Nobel. O patinho feio transforma-se no maravilhoso cisne do conto de Hans Christian Andersen. O Saramago moribundo de Miguel Real queixa-se de que toda a vida fora repellido e que por essa razão se sentia «uma carta fora do baralho, uma formiga fora do carreiro» (65). Mas o esforço e a espera compensou: «não sofri de imaginação suficiente para acreditar que seria um dos mais conhecidos escritores do mundo, não da Azinhaga, que outro não tem, não de Lisboa, que muitos e presumidos tem, uma cáfila de pedantes intelectuais, tão publicitados quanto medíocres, não de Portugal, estufa histórica de ótimos escritores, de dom Diniz a Agustina, mas mesmo do mundo, orgulha-me e responsabiliza-me, era este o lugar aonde eu, não o querendo, não o ambicionando, deveria chegar» (p. 25). As consequências de ser um escritor do mundo levaram-no a tornar-se «objeto de estudo e, quem sabe, de veneração, assim tem acontecido a todos os intelectuais portugueses desprezados pela sua geração, as seguintes prestar-lhes-ão culto» (p. 103). O seu nome passou a estar «ao lado de Gabo, do Cela, do Tagore, do Mann, do Fo, e dos não nóbeis, como o Machado de Assis, o Pessoa, o Borges, o Brandão, o Eça, o Vieira» (p. 112). Saramago torna-se assim um escritor digno de veneração, de culto, uma *superstar* (p. 146), enfim, um mito, pela boca do ensaísta Eduardo Lourenço, que lhe diz: «agora já não é o senhor José Saramago, famoso escritor, passou a ser o mito Saramago» (p. 146).

Todas estas memórias e pseudomemórias que Miguel Real eximiamente explora no seu livro, num tom aparentemente sério e trágico (afinal é dos últimos momentos do grande escritor que trata), não enganam o leitor mais atento: são certamente críticas mais ou menos veladas à falsa modéstia do nosso Nobel, ao seu pedantismo provinciano e sobretudo às suas posições políticas e antidemocráticas.

Miguel Real não resistiu a citar-se no livro pela voz do escritor moribundo, o que dá um momento de alguma descontração no meio do tom

pesado da doença, da aproximação da morte e das deambulações biográficas: «O Miguel Real, enfim, rapaz jeitoso para a escrita, publicou um romance sobre a Snu e o Sá Carneiro e subintitulou-o *O último grande amor português*» (p. 78). Interpelando o autor, diz Saramago: «não, não foi, Miguel, enfim, ele só tem olhos para o passado, o passado enfeitiça-o, despreza o que se passa à sua frente, o último grande amor português foi o meu e o da Pilar» (p. 78).

Apesar do tema lúgubre e funéreo, da pontuação à base da vírgula e da sintaxe cumulativa, técnicas narrativas que se aproximam do estilo saramaguiano, *O Último Minuto na Vida de Saramago* é uma obra que se lê com agrado. Quem não quiser dar-se ao trabalho de ler as 750 páginas de *As Sete Vidas de José Saramago*, com este pequeno livro ficará com uma visão bastante nítida da vida, da obra e das ideias acerca dos mais diversos assuntos do nosso Nobel da Literatura. E na própria voz do escritor que, se não é realmente a dele, está muito próxima.